

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

*Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.*

Abifarma 50 anos: Indústria Farmacêutica e Cidadania (ATD)

## No lugar do remédio, a cura

História de [João Paulo Salomão](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 29/11/2004

---

Projeto Abifarma - 50 anos  
Depoimento de João Paulo Salomão  
Entrevistado por Cláudia Leonor e Ricardo Guanabara  
São Paulo, 03/07/1997  
Realização Museu da Pessoa  
Código ATD\_HV021  
Transcrito por Marina D'Andréa  
Revisado por Lígia Furlan

P/1 - Para começar a entrevista, diga seu nome completo, local e data de nascimento.

R - João Paulo Salomão, nasci em São Paulo, em 1944.

P/1 - O nome dos seus pais?

R - Rinaldo Salomão e Maria de Lurdes Salomão.

P/1 - Pode me dizer por que Salomão?

R - Você pegou justo aí, né? (risos) Então veja, eu te falei que eu era meio italiano, com o nome "Salomão", fica meio complicado. Mas na realidade o nome original é Salamon, e segundo um primo meu - que inclusive foi tirar passaporte italiano, tal -, o nome é de cristão novo. Ou seja, judeu-espanhol que na época da Inquisição fugiu para a Itália e se converteu ao cristianismo por força da Inquisição. Era na região de Treviso, na Itália, especificamente de um lugarejo chamado Castelnuovo, antigamente chamado \_\_\_\_\_ (risos)

P/2 - Sabe de onde eram, na Espanha?

R - Não, da Espanha não sei. Eu já perdi a...

P/2 - Era seu avô por parte de mãe ou de pai?

R - De pai. É o Salamon, o nome original. Na tradução brasileira, ou seja, quando meu avô começou a fazer documentos brasileiros: "como é que você chama? Salomão? Salomão?" e ficou assim, tudo bonitinho, com til e tudo. E o nome ficou até agora.

P/1 - Como se chamava seu avô?

R - O avô paterno, Giovanni Batista Salomão. Interessante também que tem um apelido, que é Giovatta. O apelido de Giovanni Batista é Giovatta, e minha avó, não sei nada da minha avó, eu nem a conheci, era.... Como é que fala lá na Itália? Não me lembro o nome dela.

P/1 - Não tem problema.

P/2 - \_\_\_\_\_. Parte de pai os dois, italianos, parte de mãe, o meu avô já é nascido no Brasil, mas de origem italiana, e minha avó é veneta, de Veneza \_\_\_\_\_.

P/1 E como se chamam os avós maternos?

R - Paulo Santo Canalle e Maria Minucci Canalle.

P/1 - Eles trabalhavam com que?

R - Da família da minha mãe meus avós vieram para a zona rural, trabalhavam em fazenda, inclusive em fazendas de paulistas de 400 anos. Meu bisavô, inclusive, já velhinho, eu me lembro que ele mantinha um certo contato com esse pessoal de famílias tradicionais paulistas, produtores de café. Meu avô paterno sempre morou em Araras, no interior paulista, mas meu avô era comerciante, nunca foi da zona rural. Ele sempre teve comércio. Ele tinha um comércio grande, produtos de alimentação, se não me engano. E um detalhe importante, o fato de eu não estar muito ligado à família de meu pai, vem de ter havido também uma certa... Divórcio do meu pai com a família dele. Meu pai saiu muito cedo de casa, foi para um seminário e saiu de lá faltando dois anos para ser padre, e por culpa da minha mãe, diga-se de passagem (risos) Quando ele vinha - essas histórias ele contava - quando vinha ele viu minha mãe e balançou todo aquele conceito de celibato que ele vinha já trazendo todos esses anos. Ele entrou no seminário com nove anos, nunca teve muito contato com a família dele também, e o fato de ser de uma família católica, praticante... Na época meus avós, pais, tios, lá em Araras... O fato de ele ser um seminarista, para eles era uma honra que o filho, o irmão, ia ser padre. Aquela cultura nossa, católica, a autoridade eclesiástica, aquelas coisas toda. Meu pai chegou a ir a Araras vestindo sua batina de clérigo salesiano para coparticipar de uma missa na cidade. Depois de algum tempo, ele largou a batina (risos), então foi uma vergonha, entendeu (risos)? E isso a família dele não perdoou muito o meu pai, então ele foi mais ou menos exilado, assim.

P/1 - O senhor sabe onde eles se conheceram?

R - Em São Caetano, na rua \_\_\_\_\_.

P/2 - \_\_\_\_\_.

R - Lavrinhas., estado do Rio [de Janeiro]. Divisa do estado do Rio, né? Não sei bem se Lavrinhas já é estado do Rio, mas é quase divisa com São Paulo, aí nessa região da Dutra.

P/1- Aí eles vêm para São Paulo, se casam..

R - Não, eles... Lá em São Caetano - tudo isso aconteceu em São Caetano - eles começaram a namorar, noivar, e enfim casaram-se. Moraram sempre em São Caetano, até eu nascer. Primeiro nasceu minha irmã, depois de quase oito anos é que eu nasci, foi quando meu pai já estava com uma proposta para ir pra Presidente Prudente. Então eu vou para Presidente Prudente muito pequeno, com 40 dias de vida, fiquei até ter 13 anos, saí de lá nessa época. Uma vida muito gostosa lá, muito aberta, né, interior. Eu me sinto muito brasileiro por causa disso, porque tive contato com várias culturas brasileiras, de várias partes do Brasil, de norte a sul. Porque tinha nordestinos, sulinos, e se misturavam numa cidade de pioneiros, nessa época, na década de 40, e então, quando havia uma reunião, por exemplo, na casa de um nordestino, você comia comida típica do nordeste. Comia vatapá, caruru, e todo o "bá bá,bá, xim xim xim, bó, bó, bó, bi, bi, bi" (risos), todo esse negócio né? Mineiro, idem. Tinha muito mineiro lá, e sulino. Eu tinha uma faquinha de churrasco... E por falar em churrasco, era churrascada, né, então, matava-se o boi, aquele sistema de fogo de chão, a carne espetada por um pedaço de madeira, o churrasqueiro, aí você tirava um pedaço de carne com a sua própria faquinha, um ambiente muito sulino, né? Diferente do que, por exemplo, a gente vê aqui na capital, aquele churrasquinho pequenininho, não sei o que, e tal. Não me lembro de que meus primos aqui, ou alguém aqui em São Paulo tivessem faquinha de churrasco, agora, lá em Prudente a gente tinha isso, então essa convivência foi muito bonita. Bonita também com os japoneses, tinha muito japonês na época. Até você estudar, ter noção realmente que o japonês estava vindo de outro país, a gente não tinha noção. Como tinha, vamos dizer assim, baiano, pernambucano, gaúcho, mineiro; tinha japonês, então o japonês é japonês também. A gente se misturava muito, se dava muito e brincava muito, era uma vida maravilhosa que a gente vivia, solto praticamente. Nas horas de folga jogando futebol em uma das avenidas principais, inclusive que vai até a estação ferroviária, desce da estação rodoviária, essa avenida. Às vezes a gente estava jogando bola, chegavam os peões, boiadeiros: "molecada, aparta que vem..." Eram assim, 100, 200, 300 bois passavam por ali quando a gente estava jogando bola (risos). Esta avenida era central, praticamente, e tudo brinquedo de moleque, né? Pião, bolinha de gude, papagaio, empinar papagaio, fazer molecagem de tudo quanto era jeito... A gente tinha muita liberdade, muita liberdade. Rua... A gente brincava na rua tranquilo, jogava futebol tranquilamente. Uma particularidade: também jogava baseball, por culpa, influência da \_\_\_\_\_, jogava baseball também. E era uma vida bastante interessante, mas na época, sinceramente, eu não tinha essa noção. Depois que a gente vem ver que os casais se ajudavam muito, porque era tudo muito distante, muito difícil, não era fácil chegar em Prudente, são 600, 700 quilômetros daqui. Naquela época, na barranca do rio Paraná, quando a gente ia fazer piquenique no rio Paraná (risos), saía de Prudente e de manhã cedinho ia para lá. Pegava um barco, descia ou subia o rio, não sei, e aí tinha uns lugares lindos. Aquele mato, mato cerrado mesmo, a gente parava... E tinha lá todo o frango com farofa, comia lá, pescava e de tardezinha voltava para Prudente. E como cidade grande, tinha muita atividade, tipo, clube, por exemplo. Meu pai era sócio de um clube, do Tênis Clube lá de Prudente, então eu participava de todas as atividades que você pode imaginar. Fazia judô, basquete, vôlei, nadava, fazia salto triplo, tudo super amadoristicamente, mas participava de tudo isso. Sei lá, a vida era movimentada; bicicleta, andava de bicicleta o dia inteiro, e uma particularidade interessante, um dos amigos meus na época, que era um molecão também, o Medeiros, um pouco mais velho que eu - eu devia ter uns 11 anos, mais ou menos, ou 12 anos, ele devia ter uns 13 - de uma família muito rica, em Prudente, boiadeiros, eu brincava de Jeep no quintal da casa dele, Jeep, Jeep, de verdade (risos), e no quintal.

Olha, era uma farra.

P/1- Como sua mãe falava que era quando chegaram em Prudente?

R - Ah, sim. O primeiro dia que ela chegou, fomos para um hotel - eu tinha 40 dias -, único hotel da cidade e não tinha água, então o primeiro banho que tomei foi de água mineral. Comprou-se água mineral, não sei se esquentou, não esquentou, não sei como foi a história... E não tinha água no hotel. A minha mãe, no dia seguinte, voltou para a casa de uma tia minha, irmã dela, que morava em Avaré, porque quando tivesse alguma coisa estabelecida, que meu pai conseguisse alguma coisa, uma casa mais decente em algum lugar que desse para viver, ela voltaria (risos), e realmente aconteceu, lá eles fizeram bastante amizade e tiveram um relacionamento muito bom.

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Nessa época meu pai trabalhava na General Motors, e eu tenho a impressão... Eu nunca me interessei muito em saber por que, mas ele deve ter recebido um convite para gerenciar a concessionária Chevrolet, lá em Prudente. Ele aceitou como um desafio, tanto é que depois ele, inclusive, chegou a ser sócio da concessionária, começou a multiplicar. Ganhou dinheiro, ganhou bastante dinheiro lá, e acabou perdendo. Quer dizer, a saída também foi meio traumática, porque ele mudou de ramo, começou a trabalhar, começou a mexer com madeira, então ele tinha uma serraria que teve uma primeira queima, queimou, foi um incêndio, ele conseguiu, na época, ampliar a serraria, modernizar, e depois de alguns anos, teve um segundo incêndio, onde ele perdeu caminhão, teve problema de seguro, indenização trabalhista, uma série de coisas. Acho que ele perdeu muito dinheiro lá, aí saiu da cidade. Tenho a impressão de que ele não conseguiu levantar um dinheiro, talvez, para refazer isso tudo, achou por bem sair, e voltamos para São Paulo. Ele continuou tratando com madeira, só que ele fazia um trabalho de corretagem, era intermediário de vendas. Como ele tinha conhecimento no meio madeireiro, sabia direitinho o que vender, como vender, e tal.

P/2- \_\_\_\_\_

R - \_\_\_\_\_ Tem uma coisa interessante, por exemplo, Presidente Prudente, você indo daqui para lá, a última cidade, na época, se chamava Espigão, acho que se chama até hoje. Ficava a nove quilômetros de Prudente, e meu pai realmente era um indivíduo que botava muita responsabilidade, assim, tranquilamente, sabe? Não era imposta, ele fazia a coisa muito tranquila. Então me lembro que, por diversas vezes, cheguei a sair da escola, quer dizer, vir da escola, o meu pai já tinha me orientado para eu ir ao banco. Eu tinha nove anos, eu ia ao banco, trocava um cheque que ele tinha deixado em casa, o gerente do banco conhecia, lógico, me dava uma caixa de sapato e o dinheiro, era o pagamento dos funcionários da serraria (risos). Um embrulho, assim, uma caixa de sapato. Eu metia embaixo do braço, pegava um ônibus, pequenininho, tipo jardineira, e andava os nove quilômetros sozinho para levar o pagamento para o meu pai. Eu me lembro muito bem, serraria é um negócio interessante, sabe? Aquele movimento, o vapor, funcionava com lasca de madeira, pó de serra, essas coisas. Vai jogando na fomalha, é uma máquina a vapor, e o vapor vai funcionando as máquinas. E possui um sistema de roldanas, é interessante. A serraria, você olha em cima, você vê as máquinas, e embaixo ela tem um porão, onde ficam todas as ligações de energia. Ou seja, roldanas, esqueci o nome, agora não me lembro, a polias, aquele negócio todo, fica tudo embaixo na serraria. Você olha assim, não tem nada, e as máquinas colocadas embaixo... É que tem um sistema de condução de energia para as máquinas, isso numa serraria a vapor. E uma coisa interessante é que o piso é aberto, exatamente para o pó de serra cair lá no porão, onde eles recolhem o pó de serra e levam para o vapor. Então tinha um sistema para recolher pó de serra, para levar pro vapor, né? \_\_\_\_\_ com apito tem uma história de terminar logo e parar a máquina, e quando recomear, apita-se, é o momento em que se ligam as polias todas, é um sistema que você engata e desengata para funcionar a máquina, e quem controla é quem está em cima, o operador da máquina. As polias vão se comunicando, interessante. Eu me lembro bem, eu tinha... O guarda- noturno da serraria, além do guarda-noturno, tinha um monte de ganso (riso). Sabe que ganso é o melhor guarda que tem, faz um escândalo desgraçado. Tinha gansos, conhecia os funcionários, não me lembro os nomes, mas, assim, imagem a gente tem \_\_\_\_\_. Interessante, isso. E marca de madeira, sistema de \_\_\_\_\_, por exemplo, você tem a tora, a madeira é cheia de tora. Uma árvore cortada geralmente são troncos grandes, então o caminhão traz e elas ficam todas ali, num lugar chamado esplanada, onde ficam as toras. O caminhão vem, derruba as toras e você vai serrando à medida que você tem pedido para fazer. Você vai serrar peroba, marfim, o que mais... Amendoim, o que mais? Com pinho o meu pai não trabalhava \_\_\_\_\_, trabalhava mais com madeira de primeiríssima qualidade, ele entendia muito bem disso. Tinha um escritorzinho, e lembro também - porque é uma imagem triste -, que era o chão queimado. Isso era um troço meio complicado, você via tal, tal. Nessa época eu estava estudando em São Paulo. \_\_\_\_\_ queimou uma serraria, se não me engano, no primeiro semestre de 56, e como eu estive lá em julho, passei lá e vi tudo queimado, tudo no chão, \_\_\_\_\_.

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Não, essa foi... A primeira queimada eu nem me lembro, porque a primeira foi em uma época que meu pai estava entrando no ramo de madeira, ele fez um rolo lá, com madeira, nem ele estava muito firme nessa situação. Eu acho que ele, quando começou a mexer com isso, se incentivou. Queimou, aí acho que ele investiu um capital para franquear, modernizar. Agora a segunda, aí, sim a gente participou bastante, as histórias que eu lembro... Essa região de Pontal - nós estamos em 1997, e estou falando pra você de 1950 e qualquer coisa - essa região de Pontal e Paranapanema aí, que está dando os sem-terra, teve um chofer de caminhão do meu pai. Com o caminhão do meu pai, que foi entregar uma madeira não sei aonde nessa região - ali perto, perto de Prudente isso, tinha grileiro na terra, já -, o fulano levou um tiro no pé. Seu Vitória, me lembro do nome dele, me lembro dele, mesmo. Levou um tiro no pé, meteram bala no caminhão a hora que ele quis entrar lá pra passar no negócio, ele foi entregar madeira (risos). Levou um tiro, me lembro que estava ele e mais... Foi até em um fim de semana, porque foi uma coisa que meu pai não fazia, entregar madeira. Não sei como é que era o negócio, alguém que comprou dele falou que levava, coisa desse tipo. Foi passar por uma zona de terra grilada, deu um bode danado no meio de todo o mundo, e seu Vitória foi para o hospital. O caminhão ficou lá, todo furado de bala, ficou um tempão para retirar. A polícia não ia lá, tinha medo também, sabe como é que é, não (risos)... Negócio meio complicado, né? Essas coisas são interessantes \_\_\_\_\_

P/1 - E por que o senhor resolveu ir pra São Paulo antes? Em 56, se não me engano.

R - Eu?

P/2 - É, o senhor foi antes.

R - É, eu vim antes para São Paulo porque... Não sei, é coisa que não lembro. Sei lá, eu nasci em São Paulo, acho que eu queria conhecer minha terra, porque na realidade, eu morava lá em Prudente, sabendo que eu tinha nascido aqui em São Paulo, então acho que eu tinha saudade daqui. Talvez, não sei, sinceramente não sei. Não sei se foi, também, querendo visitar minha irmã, porque minha irmã morando em Prudente ficou interna algum tempo aqui em São Paulo no colégio Santa Inês, eu acho que eu quis imitar também né... E aquela questão que você sai, depois você volta. Alguma coisa também, pedantismo, sei lá, coisas de moleque. Eu tinha 12 anos, imagine, não tinha muita... Eu fui bastante paparicado, não é bem paparicado, desejado. Não só por ser assim... homem, meu pai já tinha uma filha, como também... Teve muito problema por minha mãe não engravidar depois do primeiro filho. Eu nasci, minha irmã tinha sete anos, então fui um filho... E em seguida nasce meu irmão, eu com um ano e meio, mais ou menos, nasceu meu irmão, que morre com nove meses. Então eu fiquei muito... Eu era muito paparicado. Meu pai... Eu tive um carro, tive um carro com 16 anos. Era um Ford 29, papai comprou porque eu gostei do carro. Agora, eu nunca fui... Ele era bravo, mas eu nunca fui, assim, um moleque chato, pedante, não, porque eu tinha um carro. Não, não é, eu era normal, não sei, não sei te dizer, não tinha aquele negócio de rico, pobre, ostentar, não existia isso, não tinha esse tipo de coisas, não sei. Meu pai fazia muitas coisas por mim, se preocupava muito comigo, de me dar muita... Eu era muito falador, até hoje sou, falo muito, (risos). Quando meu irmão morreu nós estávamos de férias aqui em São Paulo, fomos para a Praia Grande. E fomos, assim mesmo fomos, porque meu pai enterrou o filho, meu pai e minha mãe enterraram o filho, e está aqui. Você vai voltar para Prudente para quê? Então fomos, aquele negócio de missa fez aqui em São Paulo, sei lá. Eu sei que não fomos para Prudente, fomos para a Praia Grande e eu sumi na Praia Grande. E o nome da praia diz, né, é grande. Eu saí do Boqueirão e sumi, fui vendo coisas, vendo coisas... Eu falava com todo o mundo, sabe, falava, conversava, parava, conversava, especulava muito, eu era uma pessoa que vivia perguntando muita coisa "por que isso, por que aquilo?" Então, por exemplo, quando eu chegava aqui em São Paulo, na casa da minha avó, minha avó ficava louca - mãe da minha mãe -, falava: "não me deixa esse menino sozinho", porque eu ia na venda para comprar uma coisa para a minha avó, minha avó não estava acostumada com criança, eu entrava e ficava na venda. Eu via um negócio e me metia, eu entrava. Eu ia, via um moleque jogando um negócio, eu ia lá ver, entendeu? Fruto dessa liberdade que a gente tinha em Prudente, que a coisa era muito aberta, muito simples. Não tinha muita... Por exemplo, era uma cidade sem tradição, Prudente tinha o que, 20 anos? Não sei quantos anos tinha Prudente na época, 30 anos? Uma cidade nova, não tem tradição, então você não tem elite cultural, não tem elite econômica. Quer dizer, elite econômica até que tem, porque o pessoal acaba se diferenciando por uma coisa ou outra, mas ninguém chegou em Presidente Prudente, vamos dizer assim, montado no dinheiro, né? Quer dizer, se ele fez dinheiro, se ele tinha dinheiro na época, ele conseguiu o dinheiro ali. Para te dizer de numa elite econômica, demonstrando, querendo fazer demonstração desse tipo... muito aberto.

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Interessante. Eu, como médico, hoje, acho que foi de uma septicemia, ou seja, uma infecção grave, fulminante, pegando vários órgãos. Pela evolução da medicina, acredito que na época teriam dito para o meu pai: "olha, isso aí foi uma meningococemia, por exemplo, coisa que acontece hoje, até hoje. Hoje eu vejo crianças com um quadro que imagino que poderia estar acontecendo com meu irmão há 50 anos atrás. Interessante isso, sob o ponto de vista médico. E morre. Hoje em dia, morre do mesmo jeito. Há quadros infecciosos, como septicemia, os microorganismos tomam conta do corpo inteiro, acaba atingindo vários órgãos, quase todos os órgãos do organismo, e todos vão à falência. Então a morte vem de maneira brutal, e normalmente essa patologia está relacionada com meningococos, que é o da meningite, né? É o microorganismo responsável pela meningite.

P/2 - \_\_\_\_\_

P/1 - Tem cura? Ou é \_\_\_\_\_

R - Não, não, tem um antibiótico específico \_\_\_\_\_ para esse tipo de doença septicêmica, tem algumas características.

P/1 - Está gravando, Zé?

R - Essa característica é mais ou menos comum, diferente, por exemplo, de uma pessoa que é operada, e aí cinco dias pega infecção. E vai piorando, aí ninguém sabe o que é, vai piorando, morre. Isso é uma coisa. Isso é uma infecção \_\_\_\_\_, tal. Agora, tem algumas patologias infecciosas que começam com uma certa característica, elas começam a desenvolver uma certa característica que se identifica, dá para se identificar o que é, e quando não dá, já existe uma série de medicações. Por exemplo, que já são feitas, imaginando, vamos dizer, "pode ser essa, essa ou essa", então você usa as três, você não tem nenhuma \_\_\_\_\_. São o conjugados, \_\_\_\_\_

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Antibiótico, né? Principalmente. E todas as outras medicações de suporte da vida, que hoje em dia a gente tem. Não tinha... Eu, felizmente, já peguei uma fase onde a gente já tinha recursos pra esse tipo de coisa. Na realidade a vida é um negócio interessante, porque você tem mecanismos normais de se defender. Exemplo: febre, taquicardia, corticosteróides pelo corpo, tudo isso é parte de defesa, só que tudo isso faz com que você também perca muita energia. É uma fonte de recursos que você tem também para se defender, então, se você fica nessa, se você deixa a doença evoluir normalmente... Por exemplo, você está com uma pneumonia. Seguramente, se você for uma pessoa que se alimenta bem, por um acaso você teve uma queda de resistência, pegou uma pneumonia, seguramente você sai dessa pneumonia sozinho. Teoricamente, estou falando que é teórico, estou falando que você teria condições. Se você não estiver bem, se você não consegue, nessa primeira fase, lógico,

ninguém está bem quando tem uma infecção, difícil, a não ser que seja uma infecção direta, ou uma coisa muito... Ou um germe também muito virulento, muito contagioso. Mas se você, naquele momento, não estava bem, pegou, se você tem uma estrutura orgânica bastante boa, você sai dessa pneumonia. Agora, se você não tiver, vai ser uma briga feia entre o microorganismo, que está te consumindo... Você entra com todos os recursos que tem, com a febre, com os seus glóbulos brancos, aquela coisa toda. No fim, não sei o que vai dar. Eu, por exemplo, não me arrisco. Eu prefiro ter um aliado a meu lado, lógico. Onde entram os antibióticos, para isso que existem os antibióticos. A pergunta... Eu tive uma formação interessante, porque tive aula com um professor muito importante, veja bem. Nem sempre uma pessoa importante para você é uma pessoa que está certa na vida, ou certa naquilo que faz ou diz, ele mesmo falava isso: “não é porque eu estou dizendo isso que você tem que achar que isso é verdade. Tire as suas conclusões”. Esse professor, um professor de patologia da Santa Casa, era o Walter Edgar Maffei. O Maffei, um filósofo dentro da medicina, um cara muito bom, ele alertava à sua maneira. Cada um tem sua característica, ele alertava, à sua maneira, o estudante de medicina a ter consciência do que é o corpo humano, como é que ele é, porque é muito simplista essa história de que o paciente tem uma infecção, toma antibiótico específico e vive. Não vive. Tenho dois exemplos para te mostrar. A primeira pergunta é: o primeiro transplante cardíaco, que foi na década de 60, feito pelo Barnard, na cidade do Cabo, o primeiro paciente dele morreu de pneumonia. Agora pergunto: “ele estava tomando antibiótico, ou não estava tomando antibiótico?” Ele estava tomando antibiótico, e muito. Só que ele tinha tomado também um imunossupressor, está muito em moda, hoje se fala muito isso. Ou seja, ele não tinha imunidade, ele não tinha... A reação do organismo não aparecia, então só o antibiótico não vale. Hoje em dia nós temos um processo chamado síndrome da imunodeficiência adquirida, a famosa AIDS, que mostra isso. Uma pessoa com saúde, um gêmezinho porcaria que anda por aí, que vive com a gente aqui e não acontece nada, o pobre do portador, já em fase de \_\_\_\_\_ secundária, pega, qualquer porcaria, porque a imunidade não está respondendo. Quer dizer, tem antibiótico? Tem. A gente tem armas para mexer, então, como eu estava dizendo, eu felizmente, já fazendo medicina e como estudante de medicina, eu já tinha armas para isso. Porque você anula, até certo ponto, inicialmente, você tenta anular, por exemplo, algumas coisas do próprio organismo, de defesa do próprio organismo, porque você vai entrar com defesas. Por exemplo, o ideal seria o indivíduo ficar com febre, deixa ele com febre, porque ele está ativando o metabolismo, uma série de coisas. Porém, ele está gastando toda a energia dele, daqui a dois dias ele não vai ter mais energia para combater tudo isso, então você abaixa a febre, mantém a reserva do fulano, acrescenta o antibiótico... Enfim, quer dizer, hoje em dia a gente faz isso, manipula muito isso, a questão de você anular algumas coisas próprias de defesa do organismo para entrar com outras armas, lógico. Por exemplo, se você der um corticoide para um paciente... Um corticoide vocês já ouviram falar, é hidrocortisona, coisa assim. Já ouviu falar disso? Se dá corticoides para o indivíduo, o indivíduo não sente nada, não tem dor de cabeça, nada. Numa infecção, por exemplo, tuberculose, o indivíduo tem tuberculose. Se você der um corticoide para ele, você \_\_\_\_\_, porque você diminui as defesas dele. Então o choque, por exemplo, quando um indivíduo chega a choque, aí você tem medidas para controlar tudo isso, você não deixa o camarada ficar em choque o tempo todo. Então a medicina entra aí, começa dar líquidos e drogas, enfim, para manter \_\_\_\_\_, para manter uma série de coisas. Então hoje a gente tem muito isso. Naquela época, voltando à morte do meu irmão, não sei, não me lembro, era 1940, pós-guerra. Parece que tinha penicilina e sulfá, esse era o problema, não tinha antibiótico. Eu mesmo (risos) fui vítima da penicilina, porque qualquer coisa que tinha lá, na época, o médico dava penicilina. Você tinha uma febre, não sei o que, davam penicilina. Nossa, o que eu tomei de penicilina você não faz ideia. Eu tinha asma, bronquite asmática. Toda a vez que eu tinha uma crise de asma: penicilina. E dói para burro, então a gente tem muito modismo, também, medicina tem muito disso (pigarro). Dentro da especulação... Porque a gente não pode nem querer sonhar em estudar a história da medicina, mas o que a gente especula... A gente vê muito isso, vai muito em tentativas. Hoje, menos, mas durante uma época, grande pessoal ia na tentativa de “bom, serve para aquilo, então vamos dar.” Entendeu? E: “vamos ver o que acontece”, e vai fazendo. Tem uns negócios interessantes.

P/1 - Tá. Mas voltando um pouco, o senhor se referiu a uma conversa que teve com o seu pai e acabou em um colégio aqui em São Paulo.

R - Então, eu morava em Prudente, e eu dizia para ele que eu queria vir para São Paulo. Ele falou que tudo bem, que concordava - ele me fazia muito as vontades e tal - “Você vai, mas vai ter que ficar interno, porque eu não vou mudar para São Paulo”. Meus parentes aqui em São Paulo iam ficar cuidando de mim, um menino de 12 anos. Aí eu fiquei interno um ano, e basta, e chega, no Liceu Coração de Jesus, onde meu pai tinha sido professor, também. Como clérigo ele deu aula lá, então até que fui muito bem tratado, mimado, tal. Eles me olhavam de uma maneira até interessante, porque eu era filho de um ex-clérigo salesiano, né, então era muito bem tratado. Mas é uma prisão, internato é uma prisão, igualzinho. Hora do sol, hora do esporte, hora de estudar, fila pra isso, não pode falar, não pode... Entendeu? Você passa horas sem falar, não pode falar. É silêncio e tudo o mais, uma hierarquia... É um negócio meio complicado. Uma sensação de presídio, um negócio meio... Na época a gente não tinha nem dinheiro, não manipulava dinheiro. Eu, por exemplo, fui um aluno brilhante nessa época, porque eu não tinha o que fazer, então estudava. Me destaquei bastante nessa época no colégio.

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Quer dizer, antes eu brincava bastante. Para falar sério, eu fui... Até eu sair do colégio interno, fui muito bem no estudo e tal. Depois que mudei para São Paulo, comecei a relaxar. Ponho a culpa nas más companhias, quer dizer, más companhias... Infelizmente eu estava em um colégio muito exigente, em termos de estudo. Acabei sendo reprovado onde ninguém... Fui reprovado na quarta série. Na época você tinha uma formatura e ninguém, mas ninguém, saía reprovado na quarta série. Eu fui reprovado na quarta série, exatamente por causa... Ia ao cinema, não assistia aula, matava muita aula, coisa assim, novidade, um negócio meio... Era a época... Não quero culpar, mas tem muito a ver com o choque de vida. Eu moro em Presidente Prudente, meu pai me dá tudo o que eu quero, meu pai... Acaba o dinheiro dele, eu venho pra São Paulo. Não tenho o que eu quero... Tenho o necessário, felizmente na minha vida sempre aconteceu isso, tinha o necessário para você viver. Não era aquilo de antes, “quero isso, quero aquilo”, acabou. Nessa época que eu estava muito vagabundo, foi quando meu pai falou: “Bom, você está muito vagabundo, você não tem o que fazer, você só tem que estudar e não estuda, então vamos substituir isso por trabalho”, então comecei a trabalhar. Eu tinha um primo que tinha um escritório de contabilidade, comecei a trabalhar como office-boy no escritório dele, na Barão de Itapetininga. Chamava-se “Sociedade Contábil Técnica”, telefone 36-7765, eu atendia o telefone, fazia cópia... Vocês que estão acostumados com fax, xerox, sabe como eram feitas as cópias. Tinha uns livros de contabilidade - inclusive era um dever você ter cópia da contabilidade - aqueles livrões enormes, assim, prensa um negócio com gelatina, eu me lembro que trabalhei com isso, aprendi a trabalhar com esse troço, uma copiadora tipo prensa que você fazia com gelatina, uma substância gelatinosa, você se sujava todo, não sei o que, uma loucura. Hoje você põe no disquete e tá

lá o negócio. Você manda, faz seu imposto de renda pela Internet, imagina um troço desses. Então o negócio é interessante, você ver a evolução técnica que o homem está levando, conseguindo. Aí eu trabalhei, trabalhei de office-boy. Ia fazer bancos, trabalhava em escritório, atendia telefone, mandava recado, “faz não sei o que” (risos). No fim você se diverte né? Na realidade, no fim do mês eu ganhei 100 cruzeiros.

P/1 - E o que fazia com esse dinheiro?

R - Nada. Eu comprei... Comprei um presente, parece que era aniversário da minha mãe, \_\_\_\_\_ E eu trabalhei. Acho que uns seis meses eu fiquei trabalhando com esse primo. E por o meu pai ser o terceiro mais novo de 13 filhos, esse meu primo tinha quase a idade do meu pai, a diferença era muito pouca. Era um primo-irmão meu, mas tinha quase a idade do meu pai. Felizmente é vivo até hoje e nos damos muito bem, um pessoal muito bacana.

P/1 - E o senhor. trabalhou seis meses lá?

R - É, mais ou menos. Aí parece que eu endireitei, segundo a ótica do velho lá, e começou até a me atrapalhar um pouquinho, porque nessa época eu fazia o ginásio à tarde, no Bandeirantes. Começava à uma hora da tarde, então eu tinha que trabalhar de manhã. Entrava às oito horas, ficava no coisa até meio-dia e aí ficava aquele negócio, não tinha como almoçar, e o pessoal começou a se preocupar um pouco com isso. A condução aqui em São Paulo era uma coisa interessante. Eu, com 13, 14 anos, era bonde. Eu morava na Vila Clementino, e eu tinha o bonde 47. Ainda por cima era bondinho aberto, um dos poucos bondes abertos que tinha. Tinha a Avenida Angélica... Se não me engano era aberto, e naquela região ali tinha o 47, era um bonde abertinho. Sabe como é que é? Aberto só de um lado. E fazia todo esse trajeto, então eu fazia o trajeto, porque o Bandeirantes era e é na rua Estela. Eu subia até a Domingos de Moraes, pegava o bonde e vinha descendo pela Rodrigues Alves, rua Tangará, e terminava na Sena Madureira. Tinha uma pracinha, ele fazia o contorno e voltava. \_\_\_\_\_ Bonde é uma delícia, ia na cozinha do bonde, era a parte de trás, porque os bondes tinham duas frentes e duas traseiras. Ele tinha a capacidade de parar no trilho terminal, mudar a eletricidade, a haste. Ia pegar eletricidade no fio, mudava coisa, o motorero vai para o outro lado - que era atrás - e vira frente. Então ali a gente tinha tudo no bonde, só que não funcionava. Tinha uma chave que o motorero ia controlar e depois a gente ia “tím, tím, tím”, batendo a campainha. Fazia uma farra danada para ir pra escola. Já joguei bola na 23 de Maio; onde é a 23 de Maio hoje, era o campo do Caquinho. Caquinho era porque estava cheio de caco de vidro. A gente caía e se esflovava todo. Lá no Bandeirantes. A gente saía na aula de ginástica, muitas vezes, pedia para o professor: “Olha professor, vamos para o futebolzinho aí” e a gente jogava no campo do Caquinho, onde tem aquele viaduto Souza Aguiar... Não, como é o nome dele? Engenheiro Aguiar. O Aguiar, não sei se era o mesmo... O Aguiar era um dos donos, um diretor do Bandeirantes. Acho, não sei. Muita coincidência, na mesma altura do Bandeirantes, Paraíso, né? Então, teve uns choques, pior ainda. O colégio era caro, não sei se é até hoje, todos são caros, e naquela época era, também, então eu convivia com gente de poder aquisitivo muito maior do que o meu, e era um negócio meio chato. Um monte de colegas meus iam todos de carro, com chofer, não sei o que, e eu estava na quarta série, e tinha um colega que vinha de carro, guiando. Tinha 16, 17 anos, ele vinha guiando, sem carta e em São Paulo. Quer dizer, um negócio meio bravo. Tinha um amigo meu que tinha mordomo. Eu fui estudar na casa dele um dia, quem abriu a porta foi um mordomo. Tinha um quarto maravilhoso, tinha geladeira, tinha, na época... Imagine isso em 58, era o fim do mundo para mim... E a gente andando de bonde, né. É, tudo bem. Se eu fiz alguma coisa, se eu deixei de me dedicar aos estudos por querer punir os meus pais, foi inconsciente, nunca tive nada disso na cabeça. Mas é que era fácil, você saía para o cinema, botava bomba na escola - bombinha que estourava na hora que a gente entrava na classe -, punha no banheiro lá e “pum!” Estourava a bomba. “Quem foi?” Estavam todos dentro da classe. Depois, essa época era uma época que quando... Histórias assim que você escuta falar hoje. Rua Augusta, meu Deus! Playboy. Tinha o Clube dos 50, eram todos os filhos de papai que tinham que fazer alguma coisa para dar um prejuízo de 50 contos, né, 50 pau. Dinheiro brasileiro é 50 pau. Fica mais fácil né, e era dinheiro. Então isso aí... Um irmão de um colega meu, do Bandeirantes, era do Clube dos 50, na rua Augusta. Eu vi, eu já morava em Bauru quando eu vinha para São Paulo. Eu ficava aqui, tudo o mais, encontrava com a “tchurma”, né, porque a turma ficou desde então, desde os 13 anos que eu tinha a turma aqui de São Paulo até hoje, felizmente. E eu cheguei a ver oito faróis descendo a rua Augusta, no pau na direção Paulista -Jardins. Eles ficavam lá embaixo num tal de “hot-dogs”, que era a única lanchonete com característica americana. Porque Deus nos livre o macaquismo que nós não temos, lógico (risos), então aquilo lá era moda. \_\_\_\_\_ pessoal apostando, apostando assim, “meu carro dá tanto”, “o meu dá não sei o que”, corri no Morumbi, uma loucura. Eu já estava morando em Bauru, nessa época. Quando eu vinha pra cá é que eu...

P/1 - Por que o senhor foi morar em Bauru?

R - Transferência do meu pai. Meu pai consegue um emprego em 59, na Willys, como representante de vendas, porque era destinada a fazer parte de uma descentralização que a companhia americana, a Willys Overland do Brasil, estava proporcionando, então vários escritórios regionais... Você descentraliza os problemas da região. São resolvidos, a grande maioria são resolvidos ali na regional, e tal, então tinha o gerente regional, o representante de vendas e o representante de peças e serviços é que dava assistência técnica para os carros da Willys. Meu pai dava assistência relacionada a marketing, estratégia de vendas, e dava assistência, logicamente. Então daí que a gente vai para Bauru.

P/1 - E como foi sair de São Paulo e voltar para o interior?

R - Foi interessante, porque eu comecei a me policiar. Bauru não era uma cidade pequena, nem tinha as características de Presidente Prudente quando eu fui pra lá, nem quando eu saí de Prudente. Era uma cidade bem constituída e tudo o mais, mas na minha cabeça era uma cidade provinciana, o pessoal era meio devagar, para mim. Bem, ninguém descia a rua Augusta a 200 por hora, o outro não fazia não sei o que, então quando muito... Aí, em conversa, você conta algumas coisas que você tinha feito e os caras olhavam para mim e “Esse cara é mentiroso”, então comecei a me policiar, não falava. E mudou, realmente. Eu ia a pé para a escola, não tinha que tomar bonde, nada disso, a vida era outra, mas gostosa também. A gente nessa idade sempre se diverte.

P/2 - Quantos anos o senhor tinha?

R - Pra Bauru, para o interior? Eu estava com 16, 17 anos. A gente tinha atividades outras de \_\_\_\_\_ né? Tinha uma professora de inglês que a gente amava e ama até hoje, porque uma questão de amor você não perde. Dona Dirce, \_\_\_\_\_ sensacional, e ela simplesmente fundou um clube de inglês, se chamava Blue Jeans Club, e tinha só atividades culturais: dança, música, e esporte também. Eu era da parte musical, sempre gostei de música. Eu tenho... Não está comigo, mas seguramente eu tenho, ainda, porque minha irmã guarda até folhinha de não sei o que, não sei o que lá no meio de livro... Minha irmã é assim, museóloga, né? No mau sentido (risos). Então ela tem cartas que guardou quando estudava aqui no Santa Inês. Meu pai escrevia para ela contando o que eu fazia, e em uma das cartas - eu devia ter uns quatro anos -, ela contando que um tio meu tinha me ensinado a cantar uma música italiana, La strada del bosco, do Gino Bechi, todinha em italiano, eu cantava. Eu vivia cantando, metido para burro, e o primeiro instrumento que toquei foi pandeiro. O pessoal fazia festa lá em casa, meus pais sempre foram muito alegres, meu pai sempre foi uma pessoa muito comunicativa, e tal. E tocava, meu pai tocava piano, minha irmã tocava sanfona, piano, em casa sempre teve música, muita música. Eu não tinha o que tocar, tocava pandeiro. Aí foi indo, tal... No Coração de Jesus, quando eu estava interno, eu fazia parte do coral, e uma passagem interessante, um dia o coral foi cantar Luar do Sertão. Nessa cantadeira do Luar do Sertão eles faziam uma coisa. Os padres faziam um palco - todo o mundo a caipira, uma festa caipira - então o coral cantava e tinha que fazer um jogo de cena com violão - eu tinha 12 anos, isso foi quase no fim do ano -, e me deram um violão pra eu fazer jogo de cena. Eu reclamei que não ia fazer jogo de cena, "Me ensina aí que eu toco". E realmente o dono do violão mostrou para mim quais eram as posições que eu deveria fazer para aquela música, e eu, muito metido, escrevi para Prudente dizendo que eu tinha tocado violão. Um amigo do meu pai (risos), seu Laércio, que era gerente de um banco e adorava violão e tinha violão, tinha dificuldade de aprender. Quando ele soube que eu estava tocando violão, chegou no Natal de 56 eu ganhei um violão do seu Laércio, e meu primeiro violão está comigo até hoje. Aí peguei um método e comecei a tocar violão. E como diz o outro, pegou no breu, entendeu? Piano, no colégio... Eu quero aprender piano. E realmente, no colégio tinha professor de piano lá que era uma maravilha, só que eu tenho dificuldade de ler música, então toco de ouvido. Tudo que eu toco, toco de ouvido. Aqueles exercícios, tocava tudo de ouvido. Lógico, eu tocava uma vez, pra aprender e tal, e depois tudo de ouvido. Acho que o professor achava que eu era o novo Rubenstein. Lógico, se você não está preocupado em ler nada, na prova final... Botou uma partitura na minha frente, comecei a catar milho, e ele não acreditava no que via, e bufava, falava "Como!" E aí que ele percebeu que eu tocava de ouvido. Fogo, né? Então essa história do violão, toca violão... Para mim foi bom, porque o violão abriu, fechou... Confunde a minha cabeça até hoje. Gozado, eu tive uma opção entre música e medicina. Eu cheguei a gravar, gravei uma faixa em LP [Long Play], muita bossa nova. Fazia cursinho, fazia espetáculo, tocava em show. Meu pai (ficou?) louco, porque eu estava fazendo cursinho para medicina - isso no ano de 64 - quando eu volto de Bauru para cá, por transferência também de meu pai. A mesma razão que levou meu pai para Bauru, o trouxe de Bauru para São Paulo. Coisa da companhia, companhia multinacional, e que o levou para Curitiba também, porque o meu pai foi para Curitiba, mas eu já estava na faculdade aqui, não fui. E violão, realmente, música, é um negócio que de um certo modo me tenta muito, sabe? Eu esqueço um pouco da vida quando...

P/1 - E por que o senhor optou pela medicina?

R - Eu acho assim, uma pessoa demorou para saber isso. Não pensa você que foi fácil, não. Um dia eu achei que eu não era artista, cheguei à conclusão que eu não era artista, porque assim, eu vou a num lugar, começo a tocar, tal, "Puxa \_\_\_\_\_ sabe aquele negócio, então, achava que era bom. Por que não continuei se sou bom mesmo?" Você precisa ter algo mais, pra ser artista precisa ter algo mais, eu não tenho... Sei lá, eu gosto, faço, até posso fazer direitinho, mas não sou artista. O artista é aquele que larga... Ele pega, ele gosta, entendeu? Comodidade, para mim era muito mais fácil ser médico. É mais fácil, quer dizer, não que seja fácil no sentido... Fácil em termos de vida. Eu, sendo médico, meu futuro está aí. Se eu for um médico medíocre, pelo menos tenho o meu básico, que está garantido. Não só economicamente, como fator social, uma série de coisas. Você, como artista, é um tiro lá que não se sabe aonde vai dar. É um negócio meio indefinido, então eu sabia que se eu fizesse medicina, daqui a não sei quanto tempo iria ser médico \_\_\_\_\_. O que me leva a isso? Segurança. Primeiro achei que era segurança, agora, de um tempo pra cá, acho que é porque não era artista mesmo, e pronto. Mas eu gostava da brincadeira. Toquei em boate, tocava em... Toquei no Beco, cantava no Beco com Abelardo Figueiredo, \_\_\_\_\_, não é? \_\_\_\_\_ toca com os caras. Só se for em off eu conto, se não, não conto.

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Chama Introdução. Era um LP da Mocambo, foi gravado em 1964, porque tem uma música inédita de um... Na época estava começando também, nunca mais ouvi falar nele, um tal de Toni Carbonel, cara que tocava guitarra, violão e compôs essa música que eu cantei ali. O show ficou muito ruim, a gravação ficou muito ruim. Era para ser um show ao vivo, ele resolveu fazer no estúdio mesmo, então eles convidaram alguns integrantes desse show de bossa nova. Na época, em 64, bossa nova... Você andava na rua e tropeçava em um show de bossa nova, de tudo quanto é jeito: amador, profissional, freira, padre, está lá. De senhoras de 50 anos, de mais de 50... Bom, nessa brincadeira eles convidaram alguns elementos que participaram do show para fazer a gravação. E lógico, eu topei, eu estava nessa. Uma vez eu fiz teste na RGE (Rádio Gravações Especializadas), também Scatena... Eu nunca mais ouvi falar desse cara, que era um dos diretores da \_\_\_\_\_ sabe, o pessoal escuta e diz: Vai lá, e tal?

P/1 - Aí o senhor presta medicina onde?

R - Na Santa Casa de São Paulo. Eu não ia prestar exame na Santa Casa. Gozado, eu não ia, até um colega de cursinho me convenceu, aí fiz a inscrição. Nessa época fiz dois exames vestibulares, o da Santa Casa e do Cescem [Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas e Biológicas], que seria hoje... Tem um negócio que faz um grande vestibular hoje, é a Fuvest [Fundação Universitária para o Vestibular] então, antigamente, era o Cescem, que era esse centro, mas não era \_\_\_\_\_. A Santa Casa não era do Cescem, tinha a USP [Universidade de São Paulo], a Escola Paulista, Campinas, Botucatu, e acho que Sorocaba, cinco escolas. E algumas outras escolas, tipo odontologia, na USP, biomédicas, biologia... Ribeirão Preto também não fazia parte do Cescem nessa época, e eu fiz um ano lá em Ribeirão. Não passei, quando terminei o terceiro científico - e a música tem muito a ver de eu não ter ido bem no vestibular - então eu prestei na Santa Casa, e posteriormente veio o exame da USP e da Paulista, me inscrevi só nas duas, eu não queria fazer fora de São Paulo, e acabei entrando na Santa Casa. Foi uma experiência interessante, sabe. Santa Casa na época era bastante inovadora. Um curso diferente, e tal. Curso de enfermagem... No primeiro ano

aprendi uma série de coisas, até hoje, se não me engano, tem. Entrei em 65 e me formei em 70. Foram bons seis anos naquela escola, que a gente ama, a escola da gente a gente sempre ama. A Santa Casa é uma escola dentro do hospital. Você não vai para o hospital na época que você decide, você começa, no primeiro ano, tropeçando em doente, paciente de cadeira de roda, não sei o que, você está sempre no meio de doente, entendeu? Então acho isso importante na formação do médico. A inovação que ela fazia na época, por exemplo, era ter aula de propedêutica, esse contato com o exame, com o paciente, no primeiro ano. O cara no primeiro ano ia apenas conversar com o doente, você não precisa ter curso médico para conversar com o doente. Então a gente tinha roteiro, você perguntava, não punha a mão no doente. Mas no segundo semestre do primeiro ano a gente começava: “o que o senhor tem, o que o senhor sente?” Entendeu? E você desinibe, porque realmente, uma das coisas pessoais, você vai examinar um paciente. Vai botar a mão em um ser humano e você não sabe nada, pô. Você vai lá, conversa, e aquilo é objeto de pesquisa. Ele é cobaia, entre aspas, você está experimentando a tua mão, o teu ouvido, no doente, então o negócio inibe um pouco. Aí você chega lá e: “você pode tirar a roupa, por favor?” (risos). Um negócio meio complicado, ainda mais... Acho que a gente se põe no lugar do doente, é complicado. Moleque né, “tira a roupa”, então você vai desinibindo a partir desses primeiros contatos com os pacientes, você consegue até se explicar que é estudante. “Com licença”, tem uma série de coisas que você fala com o paciente, acho que isso é importante na formação do médico, e eu acho que o médico realmente tem que ter alguma coisa de humano. Teria que ter uma seleção de personalidade. Para ser médico você não precisa ser nem muito inteligente, nem pouco inteligente, normal. Como qualquer outra profissão, certo? Se o indivíduo é uma pessoa inteligente, capaz, e faz medicina, vai ser ótimo médico. Por que? A pessoa aprende, sabe diferenciar isso ou aquilo, sabe como vai trabalhar com isso, e vai ser um ótimo médico. Só que o que diferencia o profissional médico acho que é essa questão de gostar. Gostar de gente, gostar do homem, do ser humano. Tem que respeitar, porque eu acho uma profissão especial. Você mexe com muita intimidade, pode atingir muitas coisas no outro ser humano. Você mexe com vida humana, um negócio bastante sério, então a seleção do médico, a meu ver, tinha que ser teste psicológico, é verdade. Eu disse uma vez, numa conversa informal no hospital que... De repente, pelo fato de eu, economicamente não ter assim, fortuna - não tenho mesmo, o que eu vou fazer? Eu vivo bem, mas não é que eu tenha carro último, importado, não tenho nada disso -, então de repente eu sou um mau médico. E todos que estavam à minha volta um tinham um... Um tinha não sei o que. Olha, quanto eu resolvi fazer medicina, quando fiz o segundo vestibular, perguntaram para mim se era o segundo vestibular que eu ia fazer. Falei: “não, é o último”, porque eu já estava com 19 anos, eu falei “não vou ficar fazendo vestibulares”, porque me conformaria que não deu pqra ser médico. Eu ia me virar né. Eu tinha condições de me virar, de sair para o Paraná, trabalhar com o meu cunhado, por exemplo, que mexia com boi naquela época e tal, e gostava... Eu gosto de animal e tal, poxa, legal. Agora, eu não vou estudar seis anos de medicina, três de residência, um ano e meio de pós-graduação na França - como eu fiz - para depois eu voltar tudo isso para ganhar dinheiro. Deu pra entender, não, o que eu quero falar? Não que eu não goste... Não precise ganhar dinheiro. Mas você, fazendo da tua profissão uma fonte para se desenvolver economicamente, sem muito critério e... Vou abrir uma loja, agora abro uma loja. Depois de 11 anos? Sou burro, pô. Em 11 anos, se tivesse aberto uma loja, eu estava rico. Quer dizer, eu não posso ser médico para ser rico, não é isso. Não que o médico não possa ficar rico. Tudo bem, ótimo.

P/1 - O que é ser médico, para o senhor?

R - É gostar do ser humano. Só, e mais nada. E ter bom senso, essa é a característica do médico. Logicamente, para ser médico você precisa estudar medicina, lógico. Se reciclar, continuar estudando, uma motivação importante... Por exemplo, eu estudava muito, porque a medicina também é muito competitiva. O teu corpo humano não muda. Você tem o laser, tem o videolaparoscópico, tem tomografia, a ressonância magnética, \_\_\_\_\_, então ele funciona, está aí funcionando. Você também \_\_\_\_\_, e tudo o mais, como é que é, como é que não é. Então os passos, agora que a gente tem alguns passos mais largos, vamos dizer assim... Mas os passos da medicina, da medicina mesmo, não são tão grandes, são grandes. A bioengenharia é um fenômeno.

P/1 - Esses seriam os passos mais largos?

R - É lógico, a bioengenharia. Então hoje a gente tem esse tipo de novidade, que a gente se entusiasma e vai estudando. “Como é que você faz isso, faz aquilo?” “Você tira disso e põe para cá...” então quer dizer, hoje você consegue curar o indivíduo com câncer, um negócio interessante, realmente. Não estou dizendo que não evoluiu, evoluiu bastante, não resta a menor dúvida, mas a parte de bioengenharia, a própria bioquímica, teve assim, uma força maior. E, ao lado disso, também vejo uma coisa interessante: que hoje a gente, que tem convivência com estudantes e médicos mais jovens, hoje a gente vê que a imagem, os exames, têm uma importância muito grande, também, é fruto dessa própria evolução. A medicina deixou de ser uma ciência puramente de observação. Antigamente o médico ficava olhando. Olhava, olhava. Se você abre um livro de propedêutica médica, vê que os sinais que eles associavam a doenças... Isso é interessantíssimo, o hálito, por exemplo, o hálito do hepatopata, o tipo de respiração... Então você tem... Por exemplo, paciente que está em coma, ou semi-inconsciente tem um tipo de respiração, \_\_\_\_\_, quer dizer, ele, ela está sofrendo uma periodicidade. Ela tem uma frequência determinada, etc., relacionada a determinada doença, entende? É tudo fruto da observação. Hoje, te conto, eu cheguei a pegar isso. Não sou tão velho assim, mas cheguei a pegar isso. Antigamente cheguei a fazer isso, pronto-socorro de cirurgia: o paciente que tinha uma patologia... Patologia não, um sinal, uma queixa clínica de vômito, sanguinolenta de sangue, então às vezes se realiza um quadro dramático, porque assusta. Até, você tinha que ver que loucura era, então isso tem muito a ver com problemas do tubo digestivo, mas muitas vezes \_\_\_\_\_ o fígado, por exemplo, no Brasil tem muita esquistossomose, você chamava o familiar - o paciente estava mal -, a mulher, para saber se tinha contato com o esquistossoma, se dava uma patologia \_\_\_\_\_, você ia atrás disso e tal, e demorava horas, dias, para saber o que o paciente tinha, porque ele estava sangrando, mesmo. Na realidade, hoje o paciente chega no pronto-socorro vomitando sangue, aí ele chama o endoscopista. Chega lá, passa o aparelho, localiza o sangramento. A grande maioria das vezes ele já faz o tratamento do sangramento, entendeu? Ou seja, pode demorar mais, dependendo da disponibilidade do médico que vai fazer o exame, a endoscopia, né, mas fora isso, o indivíduo, em 15 minutos... Quer dizer, o que a gente demorava dias, em 15 minutos ele faz diagnóstico e tratamento, uma loucura. Estou falando da minha área, de cirurgia. Imagina que neurologia, neurocirurgia... Você tem uma fase antes da tomografia e depois da tomografia. Mesmo sem ser neurocirurgião a gente acompanhava pronto-socorro, a gente, dentro de uma escola boa, você vê esse tipo de coisa. Para se fazer um diagnóstico neurocirúrgico era meio complicado. \_\_\_\_\_, umas máquinas de Raio-X que faziam um barulho desgraçado, que era o seriógrafo, você ia injetando e tocando. O seguinte, uma esteira, que fica embaixo do doente, o Raio-X está aqui, a esteira aqui embaixo, a chapa aqui em baixo, o doente no meio. Então, toda vez que você tira um Raio-X, você tirava essa chapa e colocava outra, né, quando era um negócio seriado, tinha uma esteira, tudo grudadinho na chapa, que era sincrônica com a emissão de Raio-X.



Você ia injetando e “pém álalélélé”, então aquela esteira passando por baixo da cama do Raio-X era uma barulheira, um negócio horrível mesmo. Hoje o camarada desliza e é a tomografia, que não sei o que. Então realmente você tem uma facilidade de... Ultrassom, que maravilha! Eu me lembro, mas eu estava na França, em 74, quando começaram a aparecer as imagens em obstetrícia, principalmente ultrassom, e aí começaram a usar em outras áreas. Eu nunca me esqueço, o meu professor francês, um nome na medicina francesa, o nome é \_\_\_\_\_, olhou aquilo assim: “Como é que os caras diferenciam?” Olhava o ultrassom assim, eram os primeiros. Realmente ele tinha razão, porque como a gente ia dar diagnóstico olhando isso, né? Um negócio meio impreciso, uma coisa meio... Mas hoje você tem ultrassom médio fluxo, eu tive a oportunidade de, já faz tempo - sou muito curioso, continuo curioso, desde pequeno - de ver, por exemplo, a urina saindo. Você vê a imagem inflamada e tal por computador, mas vê o jato de urina saindo do \_\_\_\_\_ e entrando na bexiga, ele dá um fluxo, se chama ejaculação do ureter. Aquela urina que veio do rim, passou pelo ureter, entrou na \_\_\_\_\_ assim, um jatinho assim. Eles conseguem fazer isso, ultrassom. Então hoje em dia a importância dos exames pela universalização da... Hoje o médico está muito mais acostumado a ver exames do que atender ao doente, e tem muita gente que morre. Muito bem, os exames estão ótimos. O cara está morto, vamos fazer o quê? Acontece falha. Então você tira e você corrige muito, também. Aquilo que te falei, suporte da pessoa que está com choque. Você dosa uma quantidade de coisa e corrige, não deixa ficar a níveis de impossibilidade de vida. Então você dá desde sangue \_\_\_\_\_ hemácias, até sódio, potássio, \_\_\_\_\_, quantidade de coisas que você tem condições de dar. Então você corrige tudo, mas, “ah, o cara está morto”. É importante você sentir, por isso que eu digo, tem que gostar de gente, e \_\_\_\_\_ humanidade. Para ser médico tem que gostar, tem que gostar.

P/1 - \_\_\_\_\_

R - Ah, sim, o momento de fazer algum tratamento. Em toda a doença você tem, por exemplo, uma fase aguda, urgente, em toda a especialidade. Excluindo os processos agudos, os processos urgentes, você pode ir ao teu médico, que você, por exemplo, não sei, está se sentindo meio estranho, meio fraco, urinando um pouquinho a mais. Você chega lá e está com diabetes, por exemplo. Ele não vai esperar o mês que vem para tentar melhorar essa tua diabetes, vai fazer você melhorar já, e esse é o tratamento, ele começa já o teu tratamento. Tendo o diagnóstico, ele já faz. A cirurgia, a clínica cirúrgica, muitas vezes você, dependendo da patologia, não tem necessidade de começar em seguida, você pode operar na próxima semana ou daqui a 15 dias, desde que você instrua o doente das possibilidades de risco: “pode acontecer isso, isso, isso e isso. Porém, no momento, a coisa está estável. É complicado você operar amanhã cedo”. Você tem pedra na vesícula, uma patologia na vesícula, como é que se cura isso? O consenso hoje é você tirar a vesícula, porque a vesícula não... E você pergunta: “doutor, mas eu tenho que operar, isso é urgente?” Não posso responder isso. Urgência não tem, posso programar, cirurgia tem isso. Pode marcar cirurgia para daqui a uma semana. O comportamento do doente cirúrgico também é diferente do doente clínico. O doente cirúrgico, eu tiro a vesícula dele, ele ficou bom, vamos torcer que sim. Você não sente mais indigestão, não tem mais cólica, acabou. E fica ótimo, você não volta no meu consultório, deu para entender? Não vai lá dizendo: “olha, estou bem”. O clínico, se você é diabética, você tem uma frequência do controle dessa doença. A única parte que mais ou menos não acontece isso... Aliás, não são todas, mas a grande maioria das doenças infecciosas ou infectocontagiosas têm muita característica da doença cirúrgica também, porque é um processo que começa, na grande maioria das vezes, de uma forma aguda. Você está bem e de repente está com febre, passando mal. E normalmente você soluciona isso num período de tempo relativamente curto. Se isso te dá sequelas ou complicações, aí são outros 500, e normalmente não é o clínico que cuida. Então vamos supor, você ficou... Teve uma meningite, e em consequência desenvolveu uma hidrocefalia. O infectologista estacou a meningite do doente, fez, acompanhou, e graças a Deus a criança está bem, se salvou daquele processo grave, etc., e você vê: “puxa vida, a encefalite”. Quem vai acompanhar esse paciente? Normalmente é o neurologista, o neurocirurgião \_\_\_\_\_ não acompanha mais. Então é um clínico diferente, você pega um paciente que \_\_\_\_\_ na especialidade dita cirúrgica, que é ginecologia, tem isso, que é o médico da mulher por toda a vida. Tem aqueles controles, prevenção do câncer da mama, de útero, então cada especialidade normalmente tem um tipo de doente. O doente também é diferente, a maneira da abordagem... Isso é muito interessante. O psiquiatra tem doente para a vida inteira (risos). Você conhece a história da... Em off, não grava isso, pelo amor de Deus.

P/1 - Não grava?

R - Não, pode gravar, isso é voz corrente no nosso meio, né. É o seguinte: que o clínico sabe tudo e não cura nada. O cirurgião não sabe nada, mas cura tudo. E o psiquiatra não sabe nada e não cura nada (risos). Essas são as piadinhas médicas. E o patologista, ele sabe tudo também, só que um dia ele... A morte do cara, entendeu? Não... Depois que o doente morreu, ele \_\_\_\_\_ né.

P/1 - Sabe o que eu queria perguntar para o senhor? No caso dessas cirurgias que podem ser programadas, existe alguma medicação que se dá ao paciente até...

R - Sim, tem várias. Então por exemplo, quando você... Um exemplo, basicamente a queixa de um paciente que tem problemas de vesícula - é fácil exemplificar - é um paciente que tem má digestão. Pode ter cólica, dor, então você dá uma medicação para ele não ter cólica, para melhorar a dor, e você pode dar um produto que auxilie a digestão dele. Então você está trabalhando de forma que ele conviva com essa patologia, mas sem sintomas. De certo modo, problema filosófico. Agora, grande parte das doenças ou das patologias existentes, a terapêutica utilizada faz isso, então rapidamente, por exemplo, você pega uma pessoa que tem crise convulsiva ou epilética, hoje você convive com pessoas epiléticas, e nunca ninguém percebeu que são epiléticos. Nós convivemos com a doença, tanto que você nunca viu ele ter uma crise convulsiva. Mas seguramente, se você tira o remédio desse paciente, ele vai ter crise convulsiva, entendeu? Pega uma pessoa cardíaca. Você convive anos com essa pessoa e não sabe que, todo o dia de manhã, ele toma uma pilulazinha para o problema cardíaco dela. Mas se ela deixar de tomar... Então a cura, a cura é meio difícil, por isso a cirurgia acho que me encantou, porque é a oportunidade de você... Não de curar, é também um negócio filosófico, mesma coisa. Você tira a vesícula do doente, ele nunca mais vai ter problema de vesícula, certo? Então a cura da doença, a cura da doença... Eu gosto de focar a coisa assim. Nós médicos vamos pôr agora todo o mundo na mesma panela, a gente melhora muito a vida de quem é portador de alguma doença. Você não cura um diabético, não cura uma pessoa que tem um problema renal, crônico, que você vê aí que acaba levando a transplantes, etc., você controla. Se você não tivesse as medicações que hoje são dadas, especificamente para falar de remédio, agora, o paciente muito mais cedo ia ter problema. Eu não acredito que um jovem diabético, no início do século, ou na metade do século passado, ele alcançasse a idade suficiente para procriar, por exemplo. Iria morrer antes. O diabetes juvenil, diabetes infantil, são quadros graves.

Hoje em dia nós controlamos tudo isso, nós médicos. Com o apoio da bioquímica, da biologia, da indústria farmacêutica - que vai lá investigar como funciona, onde ele pode agir, etc. -, eu acho que o futuro está no código genético, porque é onde você vai mexer na doença. Porque eu acredito que você tenha... A grande maioria das doenças tem alguma coisa ligada ao código genético. Não que seja genética, hereditária, não é isso, não. Mas tem alguma informação no código genético do indivíduo, que muitas vezes vem por hereditariedade, logicamente. Então filosoficamente falando, o futuro nosso está aí, no código genético. Nós vamos ter que mexer. O pessoal já está mexendo, porque é uma visão muito mais preventiva do que curativa. Eu, sinceramente, não sei se é verdade, mas diz que na China o médico chinês é responsável pela saúde de uma população "X". Cada vez que aparece um doente naquela população, abaixam o salário dele, entendeu? Ele vai ter que tratar, mas abaixa o salário dele, ele é responsável pela saúde. Quer dizer, essa é uma filosofia interessante, é o negócio da medicina preventiva, da medicina preventiva à cirurgia, estamos em dois opostos. Quer dizer, a cirurgia terapêutica, isso que eu quis dizer naquela hora para você. Quem faz cirurgia, faz terapêutica cirúrgica. Lógico que tem doenças que são muito particulares e se desenvolvem com características... E quem tem a experiência de ser um cirurgião daquela especialidade sabe que aquilo vai acontecer e está acontecendo. Muitas vezes outro colega não pode, às vezes, identificar, mas o cirurgião, vamos supor, ele identifica. Quer dizer que o paciente precisa ser operado e o médico cirurgião substitui o remédio. O ato cirúrgico substitui o remédio. Então hoje e como sempre, a cirurgia é usada para patologias que não têm remédio para curar. Para curar, para levar, ir levando. Vai tomando remedinha, fazendo uma dieta, faz não sei o que, e com isso a gente leva o paciente bem até a cirurgia, tudo bem. Mas aquela patologia persiste, está lá e só sai com a cirurgia. Os tumores são assim, e cirurgia hoje, você tem a cirurgia feita por radioterapia, entre aspas você tem a cirurgia da quimioterapia, quer dizer, vai lá, mata, extermína aquilo e tal, células cancerosas, esse tipo de coisa. Então é um jogo interessante. Agora, o futuro nosso mesmo, de saúde, é o código genético. Eles vão mexer lá, já começaram. Eu, por exemplo, se quiser ser cirurgião, vou ter que ser cirurgião genético. Eles não vão deixar... Ou então vou ser um cirurgião especializado em, eventualmente, vamos dizer... Você, eu separo parte do seu corpo - estou falando agora de clonagem -, na tua família tem uma tendência muito grande de doença cardíaca, então eu separo do teu corpo fibras musculares cardíacas e faço um banco teu, do músculo cardíaco. Se amanhã você tiver um problema no músculo cardíaco, eu vou lá, posso substituir. Sabe, sonhando um pouco assim, filosofando... Spielberg. É o teu coração novo, não é um coração novo. O teu coração, e não precisa tomar imunossupressor, não precisa tomar nada, você só substitui. Agora, acho que a gente nunca pode esquecer uma coisa, que parodiando ou até mesmo dizendo as palavras desse professor, \_\_\_\_\_ "a vida é um fenômeno biológico", e a gente faz parte dessa biologia, então a gente nasce, cresce, se desenvolve e morre. E eu, sinceramente, nunca imaginei ser médico, entende, para encontrar a fonte da juventude ou a vida eterna, não é isso não. A gente ajuda. É uma questão de ajudar a pessoa a viver bem, não ter problema, etc. Se tem uma doença, cura. Vai lá, trata. Mas eu não vejo muita possibilidade de a gente viver... Com todos esses recursos você pode prolongar a vida de uma pessoa o que, mais 15, 20 anos. A pessoa está com 120, 140 anos. Não, porque o problema, aí que está, a gente... O fenômeno biológico interessante é esse, é que a gente também tem um lado mental que não pode imaginar. Você viver 120 anos... A minha querida avozinha, que morreu com 94 anos, durante algum tempo falava "puxa, eu vou fazer 94" - lúcida, não estava gagá nem nada - "eu estou cansada". Sabe, quer dizer, você não está cansado, ninguém aqui nessa sala está cansado, e eu me incluo nisso, né, de viver. A gente está com tudo para fazer, eu acho. Eu, inclusive, que sou mais velho que vocês... Tem muita coisa para fazer, estou imbuído desse espírito. Agora, você com cento e lá vai pedrada, você viver 120 anos, acho um negócio complicado, a não ser que você tenha uma atividade intelectual danada, porque o que nos diferencia é a nossa atividade intelectual, aí nós temos que começar a usar muito mais essa parte lúdica da gente. Quando nós falamos em desenvolvimento tecnológico é isso, o nosso desenvolvimento cerebral racional, certo? Na grande maioria das vezes é cartesiano, nós, ocidentais. E a parte lúdica, onde está, que a gente não usa? Usa pouco né, você sabe, todo o mundo sabe. Um dia fui fazer um curso de desenho, não tenho mão para desenho, fui fazer um curso de desenho, não foi para desenhar. Vocês vão achar que eu sou louco, não foi pra desenhar, foi para abrir porta. Abrir porta, esse era um curso destinado a você cortar, ou seja, abrir aquela porta que você... Por uma questão racional, você vai fechando, né. Você olhar, por exemplo, um dedo, e falar: "isso é um dedo", isso é racional, é um conceito, opinião. Você tem que olhar isso aqui como linhas que vem aqui, que faz assim, que faz assim, é um negócio diferente, então por isso é que fui fazer, e nunca mais desenhei na vida. Inclusive eu estava querendo usar em música né, não deu certo.

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Não, quer dizer, eu expliquei assim. Quer dizer, você... A cirurgia vinha tendo um objetivo, o objetivo é assim: "isso aqui está ruim, tira". Não serve, então tira. Porque não existia como controlar aquilo, dá para viver sem isso, não fica igual, mas dá para viver. Tudo bem. Então esse é o sentido cirúrgico, hoje já mudou um pouquinho, você tem mais... Tem algumas cirurgias que você faz que você não extirpa, não tem muito aquele sentido de você tirar coisas. Mas, de um certo modo, o conceito, entendeu, não. O teu dedo está podre, então tira. A tua vesícula está ruim, então tira. Agora, os teus rins estão ruins, então, tira, e o indivíduo morre, não dá. O sentido da cirurgia era mais ou menos isso. Você atua cirurgicamente tirando aquilo que não presta, aquilo que não serve. Hoje você faz cirurgias que você consegue abrir caminhos, \_\_\_\_\_ faz ponte de safena... Hoje tem cirurgia que põe... Corta um braço, vai lá, reimplanta. Quer dizer, mudou. Mas inicialmente a terapêutica cirúrgica era tirar. Hoje você tem cirurgias, entre aspas, através de radioterapia onde, por exemplo, tem um tumor cerebral - um exemplo -, você abre a cabeça, faz etc., e "puni", queima aquilo lá, aquele tumor. E é como se você tivesse retirado o tumor, é uma cirurgia radioterápica. Estendendo um pouco, se você tem um câncer e precisa extirpar aqueles... Ou focos ou até mesmo partes, dependendo do câncer você tem cirurgia prévia, usa a quimioterapia, que vai matar, destruir aquilo que não presta. Isso tudo, acho que nós chegamos a um desenvolvimento grande, e que agora estamos mexendo naquilo dos genes, né, geneticamente. Os caras já estão prevendo o que pode acontecer, então vão lá estudar...

P/1 - Você se lembra de casos marcantes em cirurgias que você fez?

P/2 - \_\_\_\_\_

R - Ah, sim, tem doentes interessantes. Cirurgias, a primeira cirurgia de hemorroidas que eu fiz, eu fazendo... Comecei a fazer residência e tal, só que para formação cirúrgica, eu fiz três anos de Casa Maternal Leonor Mendes de Barros, quarto, quinto e sexto ano, toda a semana eu tinha um plantão de 24 horas. E quando você faz um... Parêntesis: toda a história médica é tragicômica, né, claro, você está mexendo com um doente, pessoa que não está bem. Então, quando você termina de fazer um parto... Faz tempo que eu não faço, mas, na época, você coloca no canal vaginal um tampão, chama-se tampão vaginal, que seria hoje um tampão que a mulher usa na época da menstruação, só que um pouco maior,

porque você tampona porque tem corte, se chama bonequinha. Pega um bolo de gaze, envolve esse bolo com outra gaze, enrola, enrola, enrola e depois fica que nem uma cabecinha assim, com um fiozinho para fora. Você enfia na vagina para tamponar o sangramento. Bom, eu estou acostumado com esse jeito de fazer. Não, perdão, não foi a primeira cirurgia que eu fiz, foi a primeira cirurgia de hemorroidas que eu participei. Era residente, eu tinha feito... Eu estava ajudando. Quando terminou a cirurgia ele chegou para mim e falou assim: "Você faz o tampão?" Falei: "Faço". Estava acostumado a fazer tampão na \_\_\_\_\_, imagina. Peguei, fui lá, fiz uma bonequinha igual àquela e coloquei. O cara anestesiado e tal, estava com Raqui [Anestesia Raquidiana], sem nenhum problema (risos). Para tirar no dia seguinte (risos) foi um parto, eu queria morrer, a culpa foi minha. O coitado do paciente deu um grito, o residente que foi tirar não acreditava no que ele estava vendo, porque ele viu aquele fiozinho, foi puxar e saiu aquele negócio enorme. Disse: "O que é isso?" Aquele negócio enorme e o homem, coitado, gritava. Quase morreu, o homem (risos), é tragicômico. O paciente... Por exemplo, eu era residente na época, e eu queria operar uma parótida, cirurgia geral. Não é todo o dia que, na cirurgia geral, te aparece uma parótida para operar. Então eu só não escondi o doente, só faltou eu pedir para ele vir à consulta, porque fica aquele negócio, eu volto \_\_\_\_\_ internar e tal, e botar aquele lenço de caxumba ou para a dor de dente, para esconder a parótida para ninguém pegar né, coisa assim desse tipo.

P/1 - Mas por quê?

R - Porque eu era R2 [Residente do segundo ano], se o meu R3 [Residente do terceiro ano], hierarquicamente mais conceituado, falasse, eu não podia fazer nada, então eu escondi. Não era um caso raro, mas para a gente, que estava fazendo alguma coisa, eu queria fazer. Tinha outros também - residentes - que faziam o que... Esses, então, queriam operar a tireoide. Lá e "tchu, tchu, tchu" na menina que faz internação. Arranja vaga, não sei o que, um dia você passa na enfermaria, tem a enfermaria lá dos dois, metade dos doentes tudo com um curativinho "aqui", só vem tireoide pra esse lado do hospital, entendeu? Quer dizer, coisa assim. Eu tive um professor excelente de cirurgia, que felizmente está vivo ainda hoje, o professor Francisco Cavalcanti da Silva Telles, que era um cara legal, grande cirurgião, uma pessoa que tinha o maior respeito pelo doente, um dia um interno colocou o pé na cama do doente, um interno, sextanista, e foi ver a história do doente. Ele não fez nada, se aproximou do interno e falou: "O dia que você me vir colocar o pé na cama do doente, você pode pôr". Ele não permitia isso. Uma pessoa correta, porque você chega, senta, escreve... É falta de respeito, você tem que respeitar o doente. Eu ia fazer uma cirurgia do... É o acúmulo de água, grosseiramente falando, no testículo. Se chama \_\_\_\_\_, uma cirurgia simples, fácil, cirurgia para quem está iniciando. E eu sabia de uma técnica cirúrgica que se chama "reversão da túnica vaginal", uma das túnicas que cobrem os testículos. Você corta aquilo, aquilo fica assim, grande, então você corta. Depois você reverte, põe ela para trás, costura por aqui. Bom, eu cheguei na visita, sou R1, primeiro ano de residência, e o professor "assim, assim, assim", "esse paciente tem uma \_\_\_\_\_ e nós vamos operá-lo agora, à uma hora da tarde". Ele sempre perguntava isso: "Quem vai operar?" E eu falei: "Eu". Ele perguntou: "Que técnica você vai fazer?" Eu só conhecia aquela, falei assim: "Inversão da túnica vaginal". Ele vira para mim e fala: "Eu não gosto dessa técnica" (risos) Acabou com a minha alegria. Aí ele falou: "Eu prefiro a ressecção" - porque ele fazia a ressecção completa dessa túnica né - "Essa técnica da reversão é muito arcaica, meu avô já fazia essa cirurgia". Eu não aguentei, cheguei pra ele e falei assim: "Ele era médico?" (risos) Aí a turma deu risada, mas ele sempre teve muita simpatia comigo. Alguma coisa desagradável, que para mim foi muito marcante, foi eu ter que operar a mãe desse meu irmão, colega médico. O pai dele é médico e a mãe tinha um problema muito grave, e eu fui operar. Mas ele traz o problema da mãe para mim, e eu, na hora, quis sair né, \_\_\_\_\_. Ele falou e me convenceu que ele queria que eu resolvesse e tal. Para mim a cirurgia foi muito angustiante, estressante, eu nunca tive que tremer tanto, tremer tudo. Falar que a mão estava firme, estava nada, estava tremendo que nem um louco, de medo. Essa senhora tinha feito pijama, era como uma mãe pra mim, a operação era grande, um negócio grande demais, sabe, esse tipo de coisa, por isso que não se deve... O médico não deve tratar o filho, a mulher, o pai, a mãe, você tem envolvimento emocional. Não que a gente seja frio, mas tem que fazer, tem que fazer. Tem uma teoria que diz assim: parente de médico, quando vai fazer uma coisa, complica. Eu acho que é porque o médico que vai fazer a coisa quer sair da rotina, por isso é que falo para você que cirurgia é um negócio meio esquisito, vai virando rotineiro, você não tem muito que escapar. Cirurgia é que nem avião a jato, você tem V-1 e V-2. Você sabe o que é isso? Velocidade um e velocidade dois, o bicho está correndo na pista. Enquanto ele estiver em V-1, ele fica na pista, solta flap, paraquedas, breca, e aí o bicho para. Na hora que põe em V-2, tem que tirar do chão. E cirurgia é assim. Você está operando, tem um momento que você pode recuar e tem outro que não tem jeito, tem que ir pra frente. Aí, minha filha, esse é o grande problema da cirurgia, identificar, inclusive, isso. Recuar não é ruim, não. Um exemplo que tive na França uma vez levaram um caso na reunião de um médico que abriu, a coisa estava não sei o que, ele fechou e levou o caso para a reunião. Quer dizer, ele mostrou humildade, porque ele não vai matar o doente e depois dizer "não, eu opere, mas não deu certo", não pode. Se você sentir que tem alguma coisa, pode recuar. Se estiver no centro, pode chamar alguém, sabe, dependendo daquilo que você...

P/1 - Para a gente encerrar a entrevista, queríamos saber o que o senhor gostaria de realizar, ainda, na vida.

R - Um monte de coisas. Aquilo que eu disse. Por exemplo, nesses últimos cinco anos eu trabalhava no Emílio Ribas e comeci a mexer, por exemplo, com AIDS, estou operando aidéticos. Hoje eu tenho muitos clientes, isso me deu um alento, me forçou a estudar mais. Dentro da medicina, por exemplo, eu quero realizar muitas coisas, ainda. Estou recomeçando coisas que no passado eu já tinha feito. Eu digo que eu sou "R 27", residente do vigésimo sétimo ano, que é o meu tempo de formado. Recentemente eu comeci a entrar numa equipe de transplante hepático, e na minha idade é meio comprometedor, porque é meio cansativo, tal. Mas me sinto bem em fazer, vamos fazer. Na vida eu tenho muita coisa, porque... Eu queria ter tempo disponível. Uma amiga minha diz que não quer conhecer mais ninguém porque não tem tempo nem de visitar os amigos (risos), mas eu gostaria de ter muito mais amigos, que são a grande riqueza que a gente tem. Eu acho que, de vida, é continuar arrecadando amigos, estar junto com muita gente.

P/1 - Está ok, doutor Paulo. Querida agradecer.

R - De nada, \_\_\_\_\_ foi um prazer. Eu falo.